

História da Umbanda no Brasil
Volume 3

© 2015 – Diamantino Fernandes Trindade

História da Umbanda no Brasil - Vol. 3

Diamantino Fernandes Trindade (org.)

Todos os direitos desta edição reservados à

CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.

Fone/Fax: 19 3451-5440

www.edconhecimento.com.br

vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio – eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação –, sem permissão, por escrito, do Editor.

Projeto gráfico: Sérgio Carvalho

Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-85-7618-349-5

1ª edição – 2015

• Impresso no Brasil • Presita em Brazilo

Produzido no Departamento Gráfico de

CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA

Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – 13485-150

Fone: 19 3451-5440 – Limeira – SP

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Trindade, Diamantino Fernandes.

História da Umbanda no Brasil - Vol. 3 /
Diamantino Fernandes Trindade. – Limeira, SP:
Editora do Conhecimento, 2015.

??? p. (Coleção Divina Luz)

ISBN: 97-85-7618-349-5

1. Umbanda - História - Brasil - Jornais 2. Umbanda
I. Trindade, Diamantino Fernandes

15-

CDD – 133.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Obras psicografadas – Umbanda

Diamantino Fernandes Trindade
(organizador)

História da Umbanda no Brasil

Volume 3
Memórias de uma religião

1ª edição - 2015



Esta é uma obra de pesquisa e resgate da História da Umbanda. Os direitos autorais são totalmente revertidos para as atividades de caridade.

As origens da Umbanda estão no tempo, em toda parte, onde haja homens.

Leopoldo Bettiol

Não haverá bater de tambores; não haverá saias com rendas e lamês; não haverá espadas na mão; não haverá capacetes de penas; não haverá cobranças; não haverá matança de animais; não existe feitura de santo na Umbanda; Orixá não incorpora na Umbanda; não existe coroação na Umbanda.

Caboclo das Sete Encruzilhadas

A Umbanda é universalista e não possui codificação. Além disso, nasceu nesta abençoada terra onde a diversificação de cultura é grandiosa e pacífica. Essa riqueza toda contribuiu também para que fosse escolhida “a terra do Evangelho” como berço da Umbanda. O Caboclo das Sete Encruzilhadas, quando se apresentou através de seu médium, determinou como seria essa nova religião em seus fundamentos e apresentação no plano material, mas ele mesmo sabia que seria impossível padronizar cada templo. É importante que se cumpra sempre, mesmo na diversidade de culto, a essência da Umbanda, que é a caridade. Que se promova a Lei do Amor e que cada filho de fé que adentrar o templo umbandista possa se melhorar, respeitando a vida de todos os seres que caminham com ele. Isso é o que a unifica.

Vovó Benta¹

1 Texto da obra *Enquanto dormes*, psicografada por Leni W. Savitski e publicado pela EDITORA DO CONHECIMENTO.

Dedicatória

Para W. W. da Matta e Silva (Mestre Yapacani) e Zélio Fernandino de Moraes, os grandes decanos da Umbanda.

Para Lilia Ribeiro e Leal de Souza que pavimentaram o caminho para a construção da História da Umbanda.

Agradecimentos

Aos irmãos amigos pesquisadores pelas preciosas colaborações para o resgate da memória umbandista.

Coronel Carlos Soares Vieira, Cristiam Siqueira, Adão Lamenza, Rogério Corrêa, Denise Freitas de Oliveira, Edgar Cavalli Júnior, José Dalmo Ribeiro Ribas, Sandra Santos, Dra. Juliana Ogawa, Catarina Fernandes, José Rogério de Souza, Ricardo Martins, Eduardo Castellani, Giovani Martins, Tania Lacerda, Sérgio Navarro Teixeira, Sarah Corazza, Eduardo Castellani, Rômulo Henrique Pereira Angélico e Mãe Lucília de Iemanjá.

É impossível ao historiador a imparcialidade. Desde a coleta de documentos até a redação do trabalho são feitas escolhas, que não são causais. Qualquer tentativa de escrever sobre um fato ou período histórico envolve seleção, julgamento e pressupostos metodológicos. A História não pode ser nunca puramente descritiva, pois sempre haverá elementos de avaliação em qualquer relato. Sendo assim, o máximo que um historiador pode fazer no seu trabalho é alcançar uma face da verdade, que não é absoluta e sim variável de acordo com as condições que se apresentam no momento da escrita. Quem não gostar do que um historiador escreve deve procurar textos de outro historiador que escreva aquilo que o seu ego deseja ler.



Figura 1: Lápis de J. Guimarães no qual estão situados os sinuosos caminhos que conduzem os umbandistas ao templo de trabalho, as armas da fé apontando a estrela Guia-Símbolo da União Espiritista de Umbanda do Brasil (UEUB) e as sete estrelas dentro do Brasil e que representam as Sete Linhas da Umbanda. Vemos ainda dentro do círculo (figura esotérica) a parte do templo e as folhagens da Ju-remá e caindo do alto as mensagens espirituais recebidas durante 19 anos de lutas da UEUB.

Jornal de Umbanda, agosto de 1958, n. 82 – Edição comemorativa dos 19 anos da UEUB.

Sumário

Primeiras palavras.....	15
O Capitão Lauro e W.W. da Matta e Silva.....	24
Matta e Silva	29
Caboclo Mirim – Umbanda: A Escola da Vida.....	32
Mensagem do Caboclo das Sete Encruzilhadas	44
A paz.....	46
Dá sempre	48
Três Caboclos	50
Do além.....	52
Mistério da Macumba – Curiosas revelações sobre os ritos africanos no Brasil	54
Feitiçaria e Macumba em São Paulo	68
Em Vila Isabel	71
Hora de entendimento.....	78
Inaugurada festivamente a nova sede da União Espiritista de Umbanda.....	80
Um pouco da história da União Espiritista de Umbanda	84
Umbanda não é Espiritismo I.....	86
Umbanda não é Espiritismo II.....	89
Carta aberta para o conhecimento de todos os umbandistas.....	92
Tributo de flores à Senhora das Águas.....	94
Dala Paes Leme e o famoso quadro de Yemanjá.....	98
O Exu Pássaro Preto e a precissão de Ogum.....	104
“Gente Bem” em massa nas 3.200 “Tendas” da cidade!	112
Autêntico “Ballet” de médiuns nos “Caminheiros da Verdade”.....	116
Religião que se vai alastrando dia a dia pela massa sofredora.....	121
Umbanda, a Magia e seus mistérios	124
“Conversando com Frei Boaventura”	134

Umbandistas unem-se contra Padilha: Tenório solidário	143
Dois mil umbandistas: “Padilha tem dias contados no Distrito”	147
Moab Caldas – O primeiro deputado umbandista do Brasil	150
Alerta umbandistas!	155
Attila Nunes eleito Deputado Estadual	157
Isaltina dos milagres	159
Quem entra na Linha de Umbanda	163
O Espiritismo da Umbanda	170
A Macumba explicada	173
Magia negra	176
Exu, o incompreendido	178
Marinheiro prega o amor e a paz	180
Marinheiro vem com Dora	185
Mudos falam – Cegos veem tocados por Marinheiro	188
Que é a Umbanda	192
Attila Nunes	194
Seu Sete declara guerra à imprensa e roga praga	196
Umbandistas adotam diretriz ecumênica	203
Chico Xavier fala sobre a Umbanda	205
Umbanda em Revista	208
Seu Sete: Assim é Dona Cacilda	215
Salve Seu Sete da Lira	222
Zélio de Moraes – Apóstolo da Umbanda	224
A importância de Seu Sete da Lira para a Umbanda	227
Seu Sete faz Chacrinha chorar na “Hora da Buzina”	233
Credibilidade e Avaliação	236
Umbanda – Patrimônio imaterial do Estado do Rio de Janeiro	238
Associação Paulista de Umbanda entrega Medalha Demétrio Domingues	241
Umbanda no Paraná	243
Terreiro do Pai Maneco	249
Pai Maneco, o maior terreiro do país	255
Umbanda de Almas e Angola	256
Algumas palavras sobre magia, feitiçaria e cultos “Afro-Brasileiros”	275
Carta resposta	286
Rubens Saraceni – Médium e escritor	293
A literatura de W. W. da Matta e Silva	299
Jornal <i>Aruanda</i>	307
Aldeia de Caboclos	311
50 anos do Primado do Brasil	313
Antes tarde do que nunca!	315
Galeria de imagens	317
Sobre o autor	352

Primeiras palavras

Prezado leitor!

Aqui estamos novamente dando continuidade ao resgate da memória umbandista após novas e profundas pesquisas.

O sucesso das obras *História da Umbanda no Brasil* e *História da Umbanda no Brasil*, volume 2: *A Umbanda nos jornais do Rio de Janeiro*, publicadas pela **EDITORA DO CONHECIMENTO**, nos motivaram a dar prosseguimento a esse importante resgate da nossa religião.

Como sempre deixo registrado, o caminho para a construção da História da Umbanda foi pavimentado por Leal de Souza e Lilia Ribeiro.¹ Mais uma vez tivemos as preciosas colaborações dos nossos irmãos e amigos pesquisadores: Coronel Carlos Soares Vieira, Cristiam Siqueira, Adão Lamenza, Rogério Corrêa, Tania Lacerda, Eduardo Castellani, José Dalmo Ribeiro Ribas, Sandra Santos, Dra. Juliana Ogawa, Catarina Fernandes, Sarah Corazza, Sérgio Navarro Teixeira, Denise Freitas de Oliveira, Edgar Cavalli Junior, Rômulo Henrique Pereira Angélico e José Rogério de Souza.

Resgatamos neste volume imagens, matérias e reportagens dos periódicos: *Correio da Manhã*, *Província de São Paulo*, *O Estado de São Paulo*, *Diário de Notícias*, *Jornal de Umbanda*, *O Mundo Ilustrado*, *Ultima Hora*, *O Semanário*, *Revista Fatos*

¹ Remeto o leitor para a obra *História da Umbanda no Brasil*.

& Fotos Gente, Jornal do Brasil, Folha da Manhã, Umbanda em Revista, Jornal Aldeia de Caboclos, Jornal de Umbanda Sagrada, Revista Ideais, O Globo, O Cruzeiro, Mundo Ilustrado, Magia, Mistério e Umbanda, Revista da Semana, Revista Planeta, Revista Careta, Revista Fon Fon, Revista O Malho, Jornal Aruanda e no site <http://www.tensp.org>

Iniciamos este resgate da memória umbandista com imagens históricas de W. W. da Matta e Silva na Tenda Espírita Estrela do Mar, junto com seu amigo e confidente Capitão Benedito Lauro do Nascimento. Tania Lacerda relata sua vivência com W. W. da Matta e Silva. Em seguida apresentamos uma emocionante mensagem do Caboclo das Sete Encruzilhadas de 1919.

Continuando, escrevemos sobre um marco importante para a implantação da Umbanda no Brasil: A Tenda Mirim através do Caboclo Mirim e seu médium Benjamim Figueiredo. Antes da publicação do emblemático livro *Okê Caboclo!*, Benjamim publicou, em 1952/1953, cinco importantes livretos: *Umbanda - Escola da Vida* (três volumes), *A Umbanda na Escola da Vida* e *A Tenda Espírita Mirim e a sua Escola: Orientação umbandista para os filhos da Família Mirim*. É um material que hoje está praticamente perdido.

Benjamim publicou pela Editora Eco, em 1968, o livro *Okê Caboclo!* Na primeira parte apresenta sábias mensagens do Caboclo Mirim, verdadeiras lições de filosofia influenciada pela cultura hindu. A segunda parte trás um grande número de pontos cantados nas sessões da Tenda Mirim e suas filiadas. A última parte mostra um interessante glossário das palavras empregadas no ritual umbandista e seu significado. Apresentamos um capítulo do livro e alguns textos dos livretos históricos, além da divulgação feita pelo Jornal *Correio da Manhã*.

Carlos Alberto Nóbrega da Cunha, nascido no Estado do Rio de Janeiro, começou a trabalhar aos 16 anos. Fez carreira simultaneamente como educador no magistério público do Distrito Federal e como jornalista, na imprensa carioca. Professor do curso noturno e repórter de jornal, ascendeu nessas duas funções. Possuiu uma das mais brilhantes folhas de serviço de que se pode orgulhar um jornalista e educador brasileiro. Como educador, foi um dos signatários do Manifesto da Nova Educa-

ção, que traçou novos rumos para a pedagogia no Brasil.

No jornalismo fez um profundo estudo, na forma de reportagem, no *Diário de Notícias*, sobre a Macumba. Isso, em 1929, em uma época em que pouco ainda se escrevia sobre Umbanda. A riqueza de detalhes, poucas vezes vista até hoje, é fabulosa e esclarece como funcionava um ritual de macumba naquela época.

O jornal *Província de São Paulo*, do final do século XIX, faz um registro sobre a prática de feitiçaria enquanto que o *Estado de São Paulo* apresenta reportagem sobre a macumba em São Paulo na década de 1920.

Após o Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda ocorreu uma rápida proliferação dos livros de escritores umbandistas, que tentavam propor codificações rituais e doutrinárias, aparecendo catecismos, manuais de condução dos trabalhos etc., que, por vezes, conflitavam em suas interpretações. Um dos primeiros escritores dessa fase foi João de Freitas.

Publicou, em 1941, *Umbanda*,² a sua primeira obra, em moldes de reportagem e entrevistas como fazia Leal de Souza, onde relata as práticas de terreiro do Rio de Janeiro. Utiliza uma linguagem popular e reproduz cenas das tendas de Umbanda, explicando os mistérios e segredos da iniciação umbandista. Das visitas aos terreiros, o autor extraiu farto material para a elaboração da obra. Na reportagem *Em Vila Isabel* esclarece uma dúvida muito comum que é o fato de diversos médiuns incorporarem “a mesma entidade”.

A Umbanda surgiu no cenário religioso carioca com fortes laços com o Espiritismo. Como a perseguição policial ao Espiritismo era menor do que aos cultos afro-brasileiros, as tendas de Umbanda, geralmente, registravam-se como Tenda Espírita. Aos poucos foi se firmando a terminologia “Espiritismo de Umbanda”. Em 1941 tivemos o Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda.

Os umbandistas foram se denominando espíritas e isso começou a incomodar a Federação Espírita Brasileira. Edgard Armond publicou então uma matéria sobre o tema no *Diário de Notícias*. No entanto, a sua arrogância ficou explícita na ma-

2 Obra publicada pela Editora Espiritualista e disponível apenas em sebos.

téria quando diversas vezes aponta a Umbanda como religião de baixo nível. Claro está que a maioria dos adeptos e as instituições umbandistas não deram nenhum crédito ao autor da matéria.

Sobre o mesmo tema, em 1953, Deodato Moraes, Jayme Madruga e João Severino Ramos escreveram e divergiram em três números do *Jornal de Umbanda* causando grande polêmica à respeito.

As festas para Yemanjá, na virada do ano, são uma das maiores manifestações da fé dos brasileiros, envolvendo milhões de pessoas. Achilles Camacho, no periódico *O Mundo Ilustrado* faz uma interessante reportagem sobre as festividades do dia 31 de dezembro de 1951 no Rio de Janeiro.

A UEB (União Espiritista de Umbanda), fundada por Zélio Fernandino de Moraes, foi a primeira organização federativa da religião emergente. Nessa instituição foi criado o primeiro periódico, o *Jornal de Umbanda*, que foi o porta voz da UEB e da Umbanda por mais de 20 anos. Apresentamos duas matérias desse periódico, de 1953, onde havia o relato da inauguração da sede própria da organização federativa e uma homenagem às Tendas fundadoras da UEB e à primeira diretoria.

Duas reportagens de Eloy Dutra, de 1955, do periódico *Ultima Hora*, do Rio de Janeiro, mostram o panorama da Umbanda no contexto social carioca da época e destacam a incrível tarefa de caridade dos Caminheiros da Verdade, entidade já destacada no primeiro volume da nossa obra. Dirigida pelo oficial do Exército João Carneiro de Almeida, foi uma referência de como um terreiro de Umbanda podia ser eclético no atendimento humanitário espiritual e material. Contava com milhares de médiuns e assistentes, além de possuir eficientes departamentos médico, dentário e jurídico e o Lar Antônio de Pádua que abrigava crianças carentes e possuía escola primária.³ As crianças recebiam também educação musical.

Dom Jaime Câmara, Arcebispo do Rio de Janeiro, desferiu ataque feroz à Umbanda e ao Espiritismo em março de 1957. O engenheiro A. Rodrigues Monteiro publicou uma matéria no periódico *O Semanário*, contestando a ação cruel da Igreja Católi-

3 Correspondente ao atual Ensino Fundamental I.

ca. No mesmo ano e no mesmo periódico, o capitão José Álvares Pessoa escreveu sobre Umbanda, A Magia e seus mistérios.

Tata Tancredo da Silva Pinto apresenta, no jornal *O Sema-nário*, uma importante matéria sobre o ataque contundente à Umbanda, desferido por Frei Boaventura Kloppenburg.

Em 1960, o famoso delegado Padilha desferiu ferozes ataques aos cultos afro-brasileiros. Duas matérias da *Ultima Hora* abordam o evento nefasto da policia do Rio de Janeiro.

Alerta umbandistas! Esta é uma matéria, de Raphael Molina, do *Jornal de Umbanda*, de maio de 1960, que mostra ação nefasta da Igreja Católica no sentido de tentar desmoralizar a Umbanda.

Em seguida mostramos um pouco sobre a Umbanda no Rio Grande do Sul com a eleição do primeiro deputado umbandista do Brasil, Moab Caldas, que no prefácio do livro *Divagações sobre um culto - Aspectos da Umbanda*, de Alfeu Escobar, faz uma interessante abordagem dos primórdios da Umbanda No Rio Grande do Sul.

Seguem-se quatro mensagens do Caboclo das Sete Encruzilhadas e Zélio de Moraes. O jornal *O Mundo Ilustrado*, em 1961/1962, faz uma reportagem onde a figura portentosa de Attila Nunes, criador do programa radiofônico *Melodias de Terreiro*, é retratada com relação à sua eleição e atuação como Deputado Estadual na Guanabara.

Carlos Azevedo apresenta uma incrível matéria onde mostra, com propriedade, que os mentores espirituais podem trabalhar nas mesas kardecistas e nos terreiros de Umbanda. Esta matéria foi publicada, em 1968, no livro *Umbanda: religião do Brasil*, da Antologia do Movimento Espiritualista, publicado pela Editora Obelisco em 1968. Nesta obra, além de Carlos de Azevedo, participam também José Álvares Pessoa, Madre Yárandasã e Nelson Mesquita Cavalcanti.

Na década de 1960 a Igreja Católica desferiu ataques ferozes sobre os cultos afro-brasileiros. Os evangélicos pegaram carona e ajudaram no processo de perseguição das macumbas, Umbanda e candomblés. Jorge de Souza Mello publicou o livro *A Macumba Explicada* onde ensina como os evangélicos devem se comportar frente à Macumba. Apresentamos alguns trechos do livro.

No final dos anos 1960, a Umbanda experimentava um rápido crescimento quantitativo e qualitativo, principalmente pela diminuição gradativa da perseguição policial. Em 1967, a Revista *Fatos e Fotos Gente*, trazia a matéria *Quem entra na Linba de Umbanda*, retratando a situação da religião emergente na época. O capítulo 53 do primeiro volume mostra várias imagens dessa reportagem. Neste terceiro volume apresentamos a matéria na íntegra.

No período compreendido entre a metade da década de 1960 até meados da década de 1970, o fenômeno dos médiuns curadores tomou corpo, principalmente no Rio de Janeiro. Esses médiuns, e seus mentores, mobilizavam milhares e milhares de pessoas que os procuravam em busca de um lenitivo para os seus males físicos. O maior destaque é para, o já nosso conhecido, Seu Sete da Lira que juntamente com a sua médium Cacilda de Assis atendiam de cinco a trinta mil fiéis nas famosas giras, aos sábados à noite, na Lira, em Santíssimo, RJ. O famoso episódio da presença de Seu Sete nos programas televisivos de Flávio Cavalcanti e Chacrinha causou grandes tumultos como já vimos nos dois primeiros volume.

Nosso irmão Cristiam Siqueira, profundo conhecedor e dono de um respeitável acervo sobre Seu Sete, nos brinda com o texto: A importância de Seu Sete da Lira para a Umbanda, além de uma matéria, publicada no *Correio da Manhã*, sobre a participação do Exu e Dona Cacilda no programa televisivo do Chacrinha em 1971.

No jornal *Correio da Manhã*, de agosto de 1971, a manchete dizia: “Seu Sete” fez Chacrinha chorar na “Hora da Buzina”. Outra matéria sobre Seu Sete da Lira, de 1979, é apresentada na Revista *Fatos & Fotos Gente*. Em 1983, o jornal *Última Hora*, do Rio de Janeiro publicava uma mensagem sobre Seu Sete.

Isaltina Cavalcanti, também conhecida como Isaltina dos Milagres, assessorada pelo Pai de Santo Sebastião Pedra d’Água, servia de veículo mediúnico para o médico alemão Artz Scovsck que operava milhares de cirurgias espirituais no Rio de Janeiro, principalmente na Tenda Espírita Santo Antônio de Pádua. Outro fenômeno de massas foi a médium Dora Olga Gomes que também atendia multidões, no Rio de Janeiro e em São Paulo,